

Globalização e violência

Pierre J. Ehrlich¹

INTRODUÇÃO

A conexão entre a crescente globalização e o aumento da violência (principalmente a urbana) faz parte das associações fáceis que todos temos tendência a seguir. Na realidade, globalização, urbanização e violência são três elementos que possuem interligação. Nossa intuição pode nos levar ao caminho errado de estabelecer uma forte causalidade entre elas, onde a violência seria a conseqüência (o elemento a ser explicado) final.

Somos facilmente vítimas de modelos de explicações causais inexistentes. Um maior consumo de bebida alcoólica na Austrália não é a causa de um maior número de acidentes de automóveis no Brasil. Entretanto, ambos aumentam com o tempo e com o aumento de renda mundial que permite consumir mais álcool e comprar mais automóveis. A colocação da globalização no banco dos réus tem algo semelhante — mas não totalmente semelhante.

Do decorrer da exposição, analisaremos as independências e as conexões entre os fenômenos. Mas antes, precisamos melhor conceituar os fenômenos que desejamos analisar.

A GLOBALIZAÇÃO

Culpar a globalização por muitos dos males que afligem nossa sociedade atual é muito comum. Para prosseguir na análise, devemos conceituar melhor a globalização.

Antes de mais nada, Globalização não é uma opção de sociedade. A globalização é inevitável — ela nos é imposta pela própria evolução do mundo. Não temos opção. Não temos meios de influir sobre sua evolução, a partir de um juízo do quanto ela é um bem ou ela é um mal. A globalização resulta (na ordem):

1. Prof. EAESP-FGV.

- Principalmente dos progressos (desejáveis) nos meios de comunicação
- Da melhor circulação de pessoas
- Da melhor circulação de mercadorias e de serviços
- Da melhor circulação de capitais
- Das opções das pessoas

Idéias, valores e costumes passam a ser melhor divulgados e conhecidos. A pressão para uma certa uniformização provoca uma reação para salvar identidades culturais que, se bem levado, pode ser um grande vetor de revitalização das culturas locais. Línguas (e todas as manifestações culturais que seguem) como o Basco, o Bretão e o Balear renascem sob o guarda chuva protetor da globalização — num mundo Globalizado somos mais tolerantes em relação às expressões culturais de minorias.

Todo mundo, sem exceção, se beneficia com a globalização. Entretanto, o benefício não é igual para todos. Quanto melhor estruturada uma sociedade, maior é o benefício. Conseqüentemente, a globalização tende a aumentar o fosso das desigualdades. A melhor estruturação da sociedade deve ser:

- Social e Política
- Econômica e Financeira

A situação se repete no interior das sociedades (e dos países).

A globalização não é um fenômeno recente. Ela tem a idade dos primeiros movimentos migratórios e comerciais da humanidade. O que chama a atenção é sua aceleração que segue o mesmo ritmo de toda a evolução da ciência e da tecnologia.

A globalização não é obra de uma vontade de um grupo de pessoas. Ela acontece como as flores na primavera ou a seca no Brasil. Ela não representa ideologia alguma, entretanto, a estrutura de uma sociedade pode afetar seu impacto sobre esta sociedade. Ela pode ser um vetor de progresso e de melhoria, mas também de desigualdade — o que impacta sobre a violência.

Alimentamos sempre a fé que novidades (do tipo da globalização) tragam a “solução” para todos os problemas do mundo. Nem somos capazes de identificar estes problemas todos e nem sabemos quais seriam os objetivos a serem atingidos para que estes problemas sejam considerados “resolvidos”. Torcemos para que os problemas sejam resolvidos

sem sequer termos que nos preocupar em entendê-los. Após a fé cega e irracional, vem a desilusão das nossas expectativas frustradas. Temo que a globalização esteja sendo denegrida por acusação de incompetência em relação a elementos que ela nunca se propôs a resolver. Aliás, a globalização não se propõe a nada. Ele é apenas um processo que a “fatalidade” nos impõe e que deve ser melhor compreendida para não sermos pegos desprevenidos pelas forças desestruturantes que ela traz em seu bojo.

A desestruturação pode ser um fator de progresso, de “repensar uma realidade”, mas também de violência e sofrimento.

Como enfrentar os aspectos difíceis e indesejáveis da globalização? A resposta cem por cento errada é abandonando sua própria cultura e seus valores para tornar-se um arremedo de outra cultura estranha que nos parece melhor adaptada para se beneficiar da globalização. Ao contrário, é preciso revitalizar sua própria cultura e seus próprios valores de modo a permitir uma evolução que a libere dos seus aspectos negativos de imobilismo e de perpetuação de injustiças. O desafio da globalização não nos deve conduzir a jogar fora o bebê junto com a água suja do seu banho. Entretanto, a globalização, como a vivemos atualmente, força uma perda de “poder central” (e eventualmente arbitrário) para uma reorganização em torno de agrupamentos menores, mais independentes e melhor informados que melhor podem exercer seu livre arbítrio. Uma sociedade que somente possa se organizar em torno de um forte poder central, num esquema rígido está fadada a sofrer mais com a globalização. Até agora, a Comunidade Européia é um exemplo de “globalização” mais regional e muito bem-sucedido. A explosão da União Soviética é o exemplo de uma rigidez central, vítima da globalização. Hoje em dia, um poder excessivamente centralizado só pode sobreviver impondo uma forte censura sobre os meios de comunicação — que são um importantíssimo veículo de globalização.

Concluir que a melhor adaptação para a globalização é a uniformização, é a conclusão errada. É uma falsa ilusão de solução. A história da humanidade nos mostra que sempre caminhamos para uma globalização. Entretanto as forças de uniformização e de diversidade nunca deixaram de atuar simultaneamente, num contínuo enfrentamento de enriquecimento e de progresso. Por outro lado, todo processo de mudança sempre encontrou aqueles que estão melhor equipados para tirar maior proveito e aqueles que têm maiores dificuldades em segui-

lo. No caso da globalização, imaginar que os mais equipados possam influir muito para acelerar ou alterar seu curso, é atribuir-lhes um poder que eles não têm. Os valores hoje em dia veiculados pela globalização estão muito distantes daqueles pregados pelo poder oficial e conservador da maior potência mundial. Um animal (ou vegetal) mais bem adaptado para enfrentar mudanças ambientais (como as climáticas) pode tirar vantagens sobre os outros animais, mas ele não pode controlar o clima.

A França é conhecida pelos seus acessos de mau humor frente à globalização. Entretanto suas estratégias para enfrentar os problemas têm tido alto sucesso. O cinema de autor enfrenta muito bem a massificação hollywoodiana e até traz prestígios aos diretores norte-americanos que seguem esta linha. A ênfase sobre a qualidade dos produtos (como por exemplo, na indústria alimentícia) e sua regionalização tem sido uma resposta, altamente bem sucedida, a uniformização.

Antes de prosseguir, convém esclarecer que vejo com muito otimismo toda a evolução da humanidade. Eu sinto meus valores bem refletidos na mensuração dos Índices de Qualidade de Vida, anualmente publicados pela ONU. Estes índices compreendem os mais diversos elementos que compõem uma qualidade de vida. Aplicando estes índices ao longo da história da humanidade, vemos que com a exceção de crises pontuais no tempo e na geografia, a melhora é altamente significativa para toda a humanidade. Melhora, apesar da inclusão dos problemas de violência que entram na composição destes índices.

Eu espero ter tido algum sucesso na redução da diabolização irracional da globalização e de melhor definir seu espaço de atuação. A grande maioria dos males que lhe atribuímos provém da nossa incapacidade de adaptação a um mundo dinâmico, em evolução. De fato, viver é uma aventura com desafios sempre renovados. A revolução industrial foi, no passado, muito mais diabolizada. A simples divulgação do conhecimento e da informação já foi muito mais diabolizada (principalmente em situações de totalitarismo e de obscurantismo que, francamente não fazem parte das minhas preferências). A humanidade, na sua totalidade, sempre se beneficiou com estes fatores de progresso —alguns grupos humanos mais que os outros.

VIOLÊNCIA

A violência é inerente ao ser humano. Entre outras coisas, ela é uma das formas que o homem utiliza para — por força — exercer seu

controle e procurar introduzir mudanças. Inclusive mudanças referentes à si mesmo, quando a violência é uma manifestação de auto afirmação de um adolescente. Entretanto ha muitos tipos de violências e de manifestações de violências. É até mesmo difícil distinguir violência espontânea de violência canalizada. Violência admirada de violência condenada. Exemplos:

- A violência de um duelo por amor
- O suicídio de Romeu e Julieta
- As “guerras” de gangues de bairros
- A bravura de um kamikaze
- A ferocidade de um herói de guerra
- As crianças-soldado das guerras africanas ou Irã-Iraque
- O assassinato dos filhos por Medéia
- As torturas de prisioneiros (para salvar outras vidas?)
- As guerras coloniais ou de conquista
- A pena de morte
- E muitos outros ...

O mesmo ato violento pode ser condenado por alguns e exaltado por outros.

A violência pode circunscrever-se ao mundo imaginário de um espectador de TV ou de cinema ou pode provocar vítimas reais.

Para o presente debate, nosso interesse se focaliza sobre violências organizadas por grupos de bandidos — exemplo: gangues de morros — e também violências perpetradas por um ou um grupo de malfeitores. De todo um imenso universo de violências, estamos, essencialmente debatendo aquelas que agridem os “economicamente melhor aqinhoados” e urbanos. Ou seja, as “elites” do país. As guerras entre gangues ou as violências contra os adolescentes na África, dificilmente estimulariam o presente debate.

A violência faz parte da vida em geral e do nosso cotidiano. Na realidade estamos tão somente interessados em conter aquela que nos afeta diretamente. Ou seja, numa operação de cirurgia fina. Nosso interesse pelas violências que afetam os outros é extremamente limitado. Não almejamos transformar o mundo num pasto de dóceis ovelhas.

A violência desejada e admirada sempre foi utilizada pelo homem desde os tempos mais longínquos. A violência indesejada e, em particular aquela sobre a qual nos concentramos nosso interesse, está documentada em toda a história da literatura. Por outro lado, é preciso

circunscrever o assunto em pauta: no mundo atual, mesmo no terceiro mundo, a vida é muitíssima mais segura que no passado, nos países desenvolvidos. Entretanto, tivemos algumas décadas, não tão longínquas, com menor violência urbana (daquela que nos afeta).

Tendo delimitado o foco do nosso interesse, podemos passar à etapa seguinte. Em particular vamos procurar mostrar que a violência que nos afeta é o resultado de opções conscientes e voluntárias da nossa sociedade. Ela é o preço que estamos conscientemente dispostos a pagar pelo usufruto de outros benefícios. Dentro do espectro de opções que a evolução do mundo nos propõe nós, deliberadamente e por processos políticos válidos, escolhemos aquelas que abrigam importantes focos de violência.

OS ELEMENTOS DE INCREMENTO E OS ELEMENTOS DE CONIENÇÃO DA VIOLÊNCIA

Neste ponto, vamos analisar alguns elementos costumeiramente apontados como influentes no nível de violência.

A pobreza “de per se” é neutra em relação ao estímulo à violência. Se de um lado ela pode levar a um “salvar-se a qualquer preço”, mais freqüentemente ela leva a um espírito de solidariedade que desestimula a violência. De fato, as estatísticas mais recentes sobre a violência em São Paulo, desmistificam os preconceitos em relação aos pobres, às diferenças raciais e às migrações internas no país. Pelo contrário, as pessoas mais humildes tendem a ser mais honestas. Os programas de “renda mínima” são altamente desejáveis e inteligentes. Sua vinculação a esforços familiares para reduzir os fatores de exclusão social (como responsabilização dos pais, escolarização dos jovens, etc.) trabalham para a melhoria da qualidade de vida dos beneficiados, mas principalmente para a melhoria da sociedade dentro da qual vivem estes beneficiados. Não é caridade — é benefício.

Há uma correlação entre violência e urbanização, mas uma causalidade é difícil de estabelecer. Entretanto, há dois fatores claramente identificados: a fratura social e o poder das máfias. Nenhum destes dois fatores é presença obrigatória em nosso país. Suas fortes presenças são os frutos de opções sociais claras. Por outro lado, uma globalização “selvagem” tende a acentuá-los. Por selvagem entendemos uma onde “eu me viro e os outros que se danem”.

Todos nós, aqui presentes neste debate, convivemos muito bem com a fratura social. O fato de, em mais de vinte e cinco anos de magistério na FGV, eu nunca ter tido um estudante brasileiro negro, me deixa perplexo, e deveria me deixar revoltado (como explicar que estou quieto frente a este fato?). O fato de meus filhos terem freqüentado escolas privadas “purificadas” da plebe, confirma meu “status”. O curioso é enquanto eu vivia no “primeiro mundo”, o que eu mais desejava era meus filhos freqüentando as escolas públicas. O fato dos meus serviços de saúde me isolarem do “povinho” — a não ser para me servir — me reconforta quanto à qualidade que “eu mereço”. Freqüentar clubes com maior integração — nem pensar. Ou seja, eu desfruto imensamente da discriminação social. Nem me passa pela cabeça aceitar um teto de dez a vinte salários mínimos na minha renda.

Os sinais de fratura social que descrevo acima se acentuaram bastante nos últimos anos. Muitos de nós freqüentamos (e se orgulham disto) as escolas públicas, os clubes Tietê e Floresta, desfrutaram de amizades sem as restrições da fratura, etc. Se construíssemos um índice de integração social, poderíamos correlacionar sua deterioração com o aumento da violência.

Anualmente é publicada uma lista, ordenada de países, por ordem crescente de nível de corrupção. A análise desta lista nos mostra que a ordem não corresponde, à da riqueza dos países, principalmente dentro dos 70% mais pobres. Corrupção também não é uma fatalidade. Países se movem ao longo desta lista. A composição deste índice de corrupção é complexa. O impacto da corrupção sobre a violência depende muito da sua estrutura social. Os países do terceiro mundo exportadores de petróleo são particularmente bem aquinhoados com corrupção. A violência só se desenvolve em alguns deles. Para estruturas sociais como a nossa, a corrupção é um importante fator de violência.

Numa sociedade que, com idealismo, nutre um Projeto Social, a corrupção é mais baixa e a violência também. Todos, os que abraçam este ideal diluem a exclusão social. A desagregação dos valores e das lideranças (a bandalheira generalizada de todos — políticos inclusive, mas não exclusive), a perda de um ideal comum estimulam a revolta, o cinismo e a violência.

A perda de lideranças formais deixa espaço para o desenvolvimento das máfias, que passam a ocupar o espaço. As máfias são, no presente, de longe o maior foco de violência urbana, quer pela sua atuação

direta, como pela desestruturação da sociedade. Neste vácuo de desestruturação, as violências “paralelas às máfias” podem “existir” e se desenvolver. Os simples “acertos de contas” entre os grupos mafiosos são um importante aporte às estatísticas sobre a violência urbana. As máfias se globalizaram muito bem, as perspectivas para seu controle são ruins.

Descritos os ingredientes para a “obtenção” das violências foco da presente análise, vamos resumir a “receita”. De qualquer modo, a “qualidade” do produto final depende da “qualidade” dos ingredientes e do seu sinergismo. Pequenas variantes, com temperos “locais” e circunstanciais fazem parte da diversidade do mundo.

Separe dois vasilhames, que conterão, cada qual uma mistura. Estas misturas só serão juntadas após distintos tempos de cocção. Unte bem o primeiro vasilhame com exclusão social, dificuldades na escolaridade e habitações em ambientes de difícil convivência. Coloque adolescentes em fase de auto procura e de auto afirmação. Estes adolescentes devem, preferivelmente se originar de meios de miséria psicológica e de certa pobreza econômica. Cuidado na escolha deste ingrediente: não convém que os adolescentes provenham de miséria econômica excessiva — isto poderia torná-los excessivamente dóceis, eliminando o tão desejado aspecto de revolta. Se houver dificuldade em encontrar o ingrediente “no ponto”, selecione-o após uma formação básica em algum instituto especializado em recuperação de menores, ou saindo de uma “boa” experiência carcerária. Um acúmulo de frustrações prévias melhora a qualidade do ingrediente. Adicione droga barata (crack e maconha costumam ser os melhores), tomando o cuidado de, simultaneamente, estimular e reprimir seus consumos. Bata bem e estimule agressividade interna, dentro do vasilhame, para deixar a mistura “no ponto”. Não contamine a mistura, tão bem preparada, com proselitismo religioso ou outros contaminantes. Aqueça em fogo brando, até formar uma “pasta” de aspecto uniforme e onde os ingredientes iniciais se tornem, individualmente, indistinguíveis. Esta será a matéria prima para dar “substância” ao produto final.

Unte o outro vasilhame com dinheiro, corrupção, impunidade e autoridades fracas (tanto faz serem ditaduras como democracias — isto só altera o tempero final). Deixe fermentar políticos corruptos, poder judiciário cínico e corrupto, policiais indicados por e a

serviço dos políticos já selecionados. Melhore o processo de fermentação com valores de imediatismo, dinheiro fácil e rápido, exibicionismo e mais alguns a gosto do cozinheiro. Quando a massa, assim fermentada parecer bem misturada, estruture-a de forma bem organizada pela adição de diversas máfias. Esta será a estrutura dentro da qual a matéria prima bem preparada no primeiro vasilhame poderá se desenvolver e atingir sua plenitude. Junte o conteúdo dos dois vasilhames para obter um emocionante resultado, que não o decepcionará.

Alguns cuidados. Não se deixe influenciar por detratores da receita “pura” que acabamos de apresentar. Se alguém tentar lhe mostrar que em outras sociedades também há corrupção e poderes ineptos, observe que ele estará tentando “fazer economias”, tentando provar que o ingrediente não influi sobre o produto final. Isto pode ser enganoso. O detratador poderá citar experiências pela metade ou fora do contexto dos vasilhames que descrevemos acima com tanto cuidado.

De um modo geral, esta receita pode ser utilizada em qualquer país.

Há muitas iniciativas que “no varejo”, procuram atuar sobre o primeiro vasilhame no sentido de reduzir sua “qualidade” e atenuar a eficiência dos seus ingredientes. Movimento de educação, de educação, de recuperação, etc. atual sobre o primeiro vasilhame. Obras beneméritas de igrejas ou de ONG’s atuam sobre o primeiro vasilhame.

O segundo vasilhame é muito mais complexo. Em grande parte, ele é o resultado de opções conscientes das elites da sociedade. Opções estas guiadas por valores profundos. As elites se defendem de revisões dolorosas.

GLOBALIZAÇÃO, ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA

A globalização poderia ser um fator de redução de fratura social, na medida em que houvesse um esforço coordenado para que a maior parte da população tivesse acesso aos benefícios que ela pode trazer (informação, mais empregos, etc.). As sociedades que entenderam isto muito bem obraram para que a maior parte das suas populações tenha acesso a computadores e a internet, do mesmo modo que todos têm acesso à televisão. Outras, em nome de soberania nacional (frequentemente e com muita malícia, apresentado como disfarce para a preservação da fratura social) taxam e dificultam o acesso a estes meios. O repetido adágio nacionalista: “o mercado interno é patrimônio nacional

que evitamos abrir aos estrangeiros sedentos de lucro” pode ser reescrito como “reserva das elites nacionais que desejam preservar seus privilégios e utilizá-lo como ativo (?) de barganha com as multinacionais”.

Frente aos desafios da globalização, estas elites preferem estabelecer pontes de relações “privilegiadas” com a massa globalizada dos países mais desenvolvidos. Deseja utilizar este acesso como mais um elemento de discriminação em relação à maioria da sua população interna. O orgulho de muitos dos meus amigos é formar seus filhos para circularem entre os “bem aventurados” da internacionalização, como modo de diferenciá-los da “massa interna pobre e ignorante”. Eu não os condeno: dentro das circunstâncias existentes, também não tenho um espírito de sacrifício altruísta e ajo da mesma maneira.

No passado, o Governo assumiu o papel de motor do desenvolvimento social e econômico do país. No presente, o Governo se desengaja desta função e de outras também, passando-as para a iniciativa privada. O Governo passa a definir suas funções de governar como sendo as de coordenar e de garantir os serviços públicos mínimos e dificilmente privatizáveis, como educação e saúde básicas para os pobres e de segurança (com dificuldades em cumprir este último compromisso) para as elites. A idéia de um projeto nacional passa a depender do dinamismo e do comprometimento do setor privado.

As empresas multinacionais estrangeiras cumprem muito bem com o “esperado” delas: gerar empregos e poder servir de catalisador para o desenvolvimento nacional, dinamizando as empresas nacionais. Elas não se instalaram em nosso país por benemerência. Elas trabalham dentro das leis e das normas do país onde se instalam e devem remeter lucros para seus investidores acionistas. O desenvolvimento nacional depende essencialmente do capital nacional. Na medida que o governo privatiza suas empresas de modo a redefinir suas funções e a conseguir recursos para sanear seus problemas de ordem financeira (internos e externos), sobra para o setor privado nacional, o papel de dinamizador. Na medida em que este setor privado reinveste muito pouco dos recursos oriundos das vendas de suas empresas, em atividades produtivas dentro do país, cria-se um vácuo no qual se instala uma desilusão para um projeto nacional.

Se o governo é altamente passível de críticas por seu desengajamento excessivo, as elites o são muito mais por seu total desinteresse pelos destinos do país. Na onda da globalização, as elites se integram no

mundo globalizado, raramente com atividades que desfraldem a bandeira brasileira e que contribuam para um projeto nacional. A administração da crise que fica na esteira desta dinâmica é delegada a forças policiais de repressão.

Com o cenário acima descrito, a Globalização aparece como caminho de “escape” para as elites, para fora da problemática nacional. Na medida em que jovens adolescentes procuram um ideal num projeto nacional, a desilusão é total. As opções das elites frente aos problemas nacionais e frente às oportunidades da globalização resultam em fatores de aumento da discriminação social e da violência. De fato, as elites nunca se preocuparam com projetos de integração nacional. Problemas de “pobres” sempre foram delegados às igrejas e ao governo. As elites nunca foram chamadas a assumir suas responsabilidades. A idéia era que se as elites obrassem para o desenvolvimento nacional (com muita ajuda do governo), os “outros problemas” encontrariam soluções de forma automática, em colaboração com o governo. Agora, está dando tudo errado. E este cenário parece se repetir por toda a América Latina.

Quando de comparações com os países desenvolvidos, costumamos observar “como o povo é educado!”. Infelizmente, eu nunca ouvi a expressão “como as elites são mais responsáveis!”, que me parece mais pertinente.

A globalização em si, não é fator de violência, mas segundo o acima descrito, as opções das elites, frente às oportunidades oferecidas pela globalização é que são fatores de violência.

Frente ao “apelo” das máfias e das oportunidades de desenvolver ideais de romantismo heróico dentro destas máfias; frente ao desengajamento das elites e da falta de um projeto nacional; frente a total falta de oportunidades para os jovens “mal nascidos”, é de admirar que a violência não tenha atingido proporções maiores.